



INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO A PARTIR DA DIALÉTICA DO SENHOR E DO ESCRAVO DE HEGEL

Paulo Sérgio Machado*

Arnildo Pommer**

Resumo: Este artigo é apenas uma introdução preliminar ao estudo sobre a importância do método dialético, na formação e qualificação de pesquisadores em educação e tem como objetivo esclarecer que fazer ciência exige do pesquisador conhecimento sobre conceitos, métodos e metodologias que dão a sustentação para a práxis e vice-versa. Para tanto, neste artigo, faremos rápida alusão a alguns filósofos modernos como Descartes, Locke, Hume e Kant, detendo-nos em Hegel. A dialética remonta aos primórdios da Filosofia na Grécia Antiga, tendo iniciado com Heráclito e se desenvolvido com Platão e alcançado a sua maturidade com Hegel e Marx no século XIX. Como delimitação do tema utilizaremos metáfora da *Dialética do Senhor e do Escravo* de Hegel, com a qual ele ilustra que a história e tudo o que existe no mundo se constrói pela constante mediação e negação de si mesmo, no movimento permanente em direção ao *Espírito Absoluto*. Este estudo se justifica pela necessidade de que pesquisadores de programas de pós-graduação, principalmente em educação, possam ter contato com alguns conceitos básicos e de pensadores clássicos da filosofia para desenvolverem seus estudos na área das ciências humanas e, fundamentalmente, em Educação.

Palavras-chave: Dialética. Pesquisa científica. Educação. Filosofia.

* Professor no Colégio Marista Santa Maria - Santa Maria - RS; Graduado em Filosofia - Licenciatura Plena - pela UNIFRA (Centro Universitário Franciscano) - Santa Maria - RS; Pós Graduado - Especialização em Ensino Religioso pela FAPAS (Faculdade Palotina) - Santa Maria - RS, Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica pela UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) - Santa Maria - RS. Email: paulo.machado@maristas.org.br

** Possui graduação em Filosofia pela Unijuí; mestrado e doutorado em Filosofia pela PUC-RS; 26 anos de experiência como professor de graduação em Filosofia e em outros cursos, especialmente em licenciaturas como Educação Artística, Pedagogia e Ciências. Como pesquisador trabalha com História da Filosofia Antiga e Moderna (Teoria do Conhecimento e Linguagem), Ead e Educação Profissional e Tecnológica. Experiência em pós-graduação em Filosofia (mestrado, projeto Minter UFSM-Unijuí) entre 2007 e 2009. Professor temporário de Filosofia no IFRS-campus Rio Grande entre 27/06/2014 e 26/06/2016. Atualmente é professor voluntário do Mestrado Acadêmico em Educação Profissional e Tecnológica do CTISM-UFSM. Email: pommer.arnildo@gmail.com

Introdução

Este artigo tem origem em um trabalho de aula quando da discussão dos principais métodos e correntes de pensamento que norteiam as pesquisas científicas, técnicas/tecnológicas e filosóficas e também ações pedagógicas. Ele foi apresentado na disciplina de Seminário Integrador I do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 2016. E tem por objetivo esclarecer o que é o método dialético e a sua aplicação na pesquisa em Filosofia da Ciência no âmbito da formação pedagógica de professores para a Educação Profissional e Tecnológica, bem como para a educação em geral.

Neste caminho, propõe-se, primeiramente, a explicitação do conceito de *método* em Descartes (1596-1650) que o vê como uma trilha de pensamento, como uma forma de pensar com correção através do exercício da dúvida, ou seja, como uma maneira de demonstrar como e por que algo pode ser feito, neste caso, a pesquisa filosófico-científica, e que se pode defini-lo como o passo a passo sistemático e consciente que realizamos a fim de executar uma tarefa.

Uma vez compreendido o caminho (método) a ser seguido, o pesquisador deve definir de qual o tipo de pesquisa fará uso. A pesquisa científica, filosófica ou pedagógica, tem por finalidade última compreender e esclarecer a contradição fundamental entre o ser humano e a natureza. Ou seja, a negação da natureza e a sua afirmação/conservação (*aufhebung*) melhorada através do resultado decorrente da pesquisa, o que seria (antecipando o que será exposto no século XIX por Hegel), já uma síntese da atividade racional humana como propôs Descartes, isto é, o método é a maneira indicada de se aplicar o bom-senso ou a razão na busca de uma verdade que possa ser considerada irrefutável (Descartes, 2002, p, 75 ss). Porém, a corrente racionalista inaugurada por Descartes tem como contraponto a corrente denominada de empirista. Dentre os principais empiristas encontramos Francis Bacon (1561-1626), John Locke (1632-1704) e David Hume (1711-1776).

A apresentação das implicações principais dessas contradições originais postas por racionalistas, empiristas, dialéticos idealistas e materialistas seria exageradamente longa, por isso, a reduziremos a alguns tópicos indicativos com a finalidade de chamar a atenção para os diferentes tipos de abordagem do problema das pesquisas científicas, filosóficas e educacionais ou filosófico-educacionais.

De qualquer modo parece que os dois caminhos metódicos convergem em Kant (1724-1804) que teria sido despertado de seu sono dogmático através de Hume. Este último autor sugeriu que a indução não seria a garantia de que as leis ditas universais geradas a partir da

generalização de experiências particulares não pudessem falhar. Com base neste argumento, Kant procura justificar a origem do conhecimento humano, porém, ainda permanece no plano idealista. Somente a partir de Hegel, no entanto, é que algumas coisas parecem a ser vistas como concretas, muito embora o próprio Hegel permaneça no plano rigorosamente idealista. Mas, ele apresenta uma novidade demolidora no interior do idealismo romântico: a categoria do trabalho. E como todos sabem, as pessoas que trabalhavam à época de Hegel (na Alemanha), eram os servos e os escravos, os pobres, os plebeus. Isso significa que Hegel, mesmo sem querer, acabou por começar a solapar as bases metafísicas do idealismo.

Esta maneira de ver as coisas tem implicações ainda hoje, quando nos perguntamos para que serve a Filosofia, para que serve a Ciência e, sobretudo, para que serve a Educação. Desta forma, mesmo antes da partida, da definição do caminho, do porquê e do como será feita a viagem, é preciso lembrar que a Filosofia e as Ciências têm papéis determinantes nas pesquisas nas áreas das humanidades. Porque, como afirma Paviani *apud* (AMARAL FILHO, 2014, p. 12), no prefácio do livro *Os filósofos e a educação*: “Com o surgimento das ciências sociais e humanas, houve um momento em que até se pensou que se poderia fazer educação sem filosofia”. Agora também se acha e se decreta que se pode fazer educação sem História e sem Geografia.

Portanto, o que se vê, atualmente não é somente a permanente luta na solução das contradições básicas entre os seres humanos e a natureza na busca de condições de vida condizentes com a dignidade do humano, mas uma luta pela consciência da necessidade de a Filosofia e a Ciência serem ensinadas em seu profundo rigor metódico para a compreensão de que a Educação é o processo pelo qual a filosofia atua na construção do conceito advindo da práxis, o que é comumente conhecido como dialética. Conforme Meneses (1986, p. 26), “só pelo conceito se conseguem pensamentos verdadeiros e penetração científica”; ou seja, a construção ou a compreensão dos conceitos leva a razão a ter consciência de si e para si, não para outrem o que seria a consciência alienada. Mas, o conceito não advém do nada, ele advém do trabalho, da investigação, da solução das contradições mais prementes na vida diária dos seres humanos.

Porém, como Hegel ainda permanece no plano idealista, para ele, uma vez compreendidos os conceitos básicos para a pesquisa em educação, parte-se, para a compreensão da relação entre o sujeito e o objeto, ou seja, da relação contraditória entre o sujeito e o objeto. Em resumo: este artigo tem como objetivo esclarecer o conceito de método e de dialética, a partir da parábola do Senhor e do Escravo.

1 A contextualização da obra Fenomenologia do Espírito de Hegel

Para delimitar a área de estudo, o foco desse trabalho se dará em Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo Alemão, nascido em 1770, na Alemanha e que foi um dos precursores da filosofia dialética de Marx e criador do sistema filosófico chamado *Idealismo Absoluto*. Porém, antes de expor o que ele explicou com esses termos, se faz necessário dizer que, para fazer a abordagem do que se conhece por dialética em Hegel, é preciso contextualizar o pensador e a sua época, visto que a dialética é uma contestação ao sistema kantiano, e, definir o que é fenomenologia para Hegel porque não se pode confundi-la com o método fenomenológico de Husserl, por exemplo, porque, como o próprio título da obra sugere algo diferente: a *Fenomenologia do Espírito* pretendia formular um novo sistema filosófico, para definir “o saber da experiência que faz a consciência” (Carneiro, 2006) e, visto que esta trata de como os fenômenos aparecem no mundo, Hegel procura atacar o grande problema filosófico da época: como a verdade pode ser enunciada, ou nas palavras de Carneiro:

Hegel, na Fenomenologia do Espírito, descreve o saber da experiência que faz a consciência, colocando-se contra os critérios de verdade até então defendidos pelas correntes empirista e racionalista. A primeira apoiada no mundo empírico objetivo, como em Hume, e a segunda na pura razão como critério a priori, como em Kant (Carneiro, 2006, p 1).

Portanto, há uma diferença, digamos, estrutural entre Hegel e Husserl. Hegel (1770-1883), está cronologicamente entre Kant (1724-1804) e Marx (1818-1883), talvez esse seja um dos motivos de ele ter escrito sua obra contestando as correntes empirista e racionalista que são sintetizadas por Kant e ter tido sua obra contestada no seu aspecto idealista por Marx que é materialista. Mas, obviamente, aquela posição intermediária de Hegel, por si só não justifica o seu pensamento. O que queremos dar a entender é que no devir histórico, um pensador se vale do outro para aprimorar o seu próprio pensamento, mas antes de tudo, é necessário pensar. Isto é plenamente perceptível nas palavras de Carneiro que citaremos a seguir que, no entanto, vão muito além da mera relação crítica entre pensadores. Estas palavras implicam a formulação inicial de um sistema para contar a saga do Espírito na sua manifestação fenomênica na História.

Na Fenomenologia do Espírito, Hegel diz que o começo é o indeterminado puro, o universal, o imediato, ou seja, a consciência imediata, o puro ser, abstraído de todo conteúdo. Para ele o sujeito não sofre nenhuma determinação a priori. Ele, portanto, começa com o universal sem sujeito, universal abstrato, pelo fato de que, só o sujeito pode realizar o universal concreto (CARNEIRO, 2006, p.1).

O Idealismo Absoluto como sistema parece constituir a culminância do *Espírito Absoluto (Deus)* que se manifesta na história e “se encarna nas obras da civilização: a arte, a religião e a filosofia são igualmente lugares de seu desenvolvimento progressivo” (HEGEL, apud GRISSAULT, 2012. p. 181), e, uma das formas de investigação do método dialético de Hegel, é demonstrada na seção IV, do livro *Fenomenologia do Espírito*, escrito em 1807, que ele chama de *independência ou dependência da consciência de si, ou dominação e escravidão*. Nessa seção, Hegel, ao narrar o devir do processo dialético, escreve sobre o ‘desejo’ que não se satisfaz enquanto não encontra o outro ‘eu’. Esse encontro do outro ‘eu’ é o que a dialética do Senhor e do Escravo procura explicitar.

Se compreendermos que na História da Filosofia muitos foram os pensadores e muitas as teorias por eles concebidas e utilizadas para prescrever um método eficiente para a pesquisa, a compreensão e a síntese da educação, ainda que na condição de verdades momentâneas, Hegel para o qual o mundo seria o desdobramento de um espírito abrangente que se construiria no tempo, isto é, na história, nos leva ao entendimento que fazer pesquisa em educação é considerar, como supõe o filósofo, que a realidade não é estática, mas dinâmica e fundamentalmente contraditória.

Logo, a essa dinâmica, que segundo Hegel, é contraditória em sua manifestação fenomênica, sem que perca a unidade do processo e por isso leva a um crescente auto-enriquecimento, ele a chamou de dialética, que representa o movimento real do mundo em seu devir contraditório.

2 Mas afinal, o que é dialética?

O método dialético de Hegel, que hoje conhecemos no trinômio tese, antítese e síntese, mesmo que segundos alguns estudiosos, não haja confirmação de que ele tenha usado essa terminologia, se desenvolveu entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX e pode ser descrito em três momentos, segundo Cotrin (2014, p.138), a saber: “o primeiro, do ser em si; o segundo, do ser outro ou fora de si; e o terceiro (que seria o retorno), do ser para si”. Seguindo essa linha de raciocínio, temos que a Filosofia que realmente busque a verdade, utiliza-se do método dialético, uma vez que investiga as pretensões de verdade e o caminho para se chegar a ela. Ainda que esse conceito tenha sido utilizado de maneiras distintas desde Heráclito e Platão até Hegel, esse processo de negação, suspensão e afirmação (*Aufheben*) das

etapas precedentes, expõe a marcha da realização do *Espírito Absoluto*, que Hegel chamou de movimento dialético.

A esse processo em aberto, porque dialético, Hegel definiu a partir quatro leis, a saber: “Tudo é processo, tudo está em mudança”; “O encadeamento dos processos. Ação recíproca. A rede que se forma”; “A contradição”; e, “Transformação da quantidade em qualidade. Lei do progresso por saltos”. (TELES, 1986, p. 79).

Posteriormente, no século XX, o movimento e a dinamicidade verificados por Hegel são utilizados noutro sentido por um historiador da ciência, cuja teoria da “*mudança de paradigmas*” oferece uma explicação bastante original para as grandes transformações dos métodos e conhecimentos científicos. Trata-se de Thomas Kuhn que escreveu sobre como a ciência evolui através de paradigmas que duram até que novos paradigmas os substituam, em partes ou por completo. Para ele, a aceitação de uma nova teoria implica a alteração de toda uma visão de mundo e a essa mudança de perspectiva, Kuhn (1994) chamou de ruptura de paradigma. É neste ponto que, segundo Silva, ocorre uma aproximação de Kuhn com Hegel:

[...] que enfatiza o processo dialético de autonegação e desdobramento da ideia que assim se concretiza de forma sistemática. Tal aproximação filosófica é para ressaltar que uma tese que se digladija com uma antítese, permanecerá na síntese, bem como sua própria oponente, nem que seja como modelo histórico do passado que garanta uma melhor compreensão da formação histórica da síntese, que se transforma em uma nova tese vigente, por sua vez também fadada ao devir dialético (SILVA, 2011).

Portanto, o método dialético de Hegel, por tratar das contradições, pode servir de base para a análise das consequências da pesquisa sobre o ânimo das comunidades científicas envolvidas por suas convicções operativas e teóricas, com um determinado objeto que julgam ter produzido resultados irrefutáveis. Assim, ao tomar como sendo um pressuposto da pesquisa em ciência a ideia de que a realidade não é estática, mas dinâmica e contraditória em si mesma e racionalmente compreensível, é que Hegel, a partir desta sua interpretação da realidade, fê-lo elaborar um pensamento da totalidade que pode ser expresso na clássica frase “tudo que é racional é real, tudo que é real é racional” (*Filosofia do Direito*), porque, segundo ele, contrariamente ao que pregava Kant, a apreensão da verdade não se reduz à apreensão dos fenômenos.

Portanto, para Hegel, a Filosofia é a apreensão da verdade em seu caráter absoluto e não é possível a compreensão do todo à primeira vista, mas o *Espírito* se revela na temporalidade, no processo histórico. Assim, para explicar o processo dialético, tomaremos a

lógica proposta por Hegel na seção IV da obra, *Fenomenologia do Espírito* onde ele narra a parábola do Senhor e do Escravo para explicar as relações de consciência de si.

3 A Dialética do Senhor e do Escravo

A fim de abrir caminho ao pensamento de Hegel podemos partir de uma analogia simples, mas eficiente: a chamada pesquisa qualitativa, cujo método, contudo, não se confunde com a dialética de Hegel. Ao contrário: a pesquisa qualitativa parece tomar emprestado de Hegel e de Marx alguns pontos de referência. As pesquisas qualitativas são assim chamadas porque envolvem não apenas dados da experiência empírica, mas também, valores e conceitos que são inerentes a formação subjetiva do próprio pesquisador, implicando em tomadas de consciência relativamente ao mundo que o rodeia. Se o pesquisador estiver munido de uma consciência ingênua e para outro, isto é, pobre e alienada, o resultado de sua pesquisa será ingênuo e alienado, mais ou menos como ocorre com Hegel na sua edificante, mas ingênua e até mesmo inadequada metáfora do Senhor e do Escravo, pois a sua versão da dialética, por não considerar a história como decorrente da ação humana, mas manifestação do *Espírito Absoluto*, permanece no plano ideal. Em caso contrário, se o pesquisador realmente souber operar com o método dialético, chegará a consciência de si e para si. Exemplo: o que Hegel chama de consciência para si na dialética do Senhor e do Escravo é ingênua e idealista porque o Senhor continua senhor e o Escravo continua escravo. Nessa mesma linha de raciocínio, para ilustrar que a tomada de consciência de si mesmo se realiza igualmente por um movimento dialético, Hegel apresenta a parábola do Senhor e do Escravo.

O Senhor é a consciência para si essente, mas já não é apenas o conceito dessa consciência, senão uma consciência para si essente que é mediatizada consigo por meio de uma *outra* consciência, a saber, por meio de uma consciência a cuja essência pertence ser sintetizada com um ser independente, ou com um *ser* independente, ou com a coisidade geral. O senhor se relaciona com estes dois momentos: com uma *coisa* como tal, o objeto do desejo, e com a consciência para a qual a coisidade é o essencial. (HEGEL, 2008, p. 147).

Como podemos compreender, para Hegel, a história não é apenas uma justaposição de acontecimentos no tempo, mas resulta de um processo de contradições dialéticas que, interpretada a partir do *Espírito Absoluto*, possui uma racionalidade e caminha no sentido da liberdade *de consciência* do sujeito, uma vez que este é o *ponto essencial*, como afirma Meneses (1985, p.15) na obra *Para Ler a Fenomenologia do Espírito*, “a substância viva é o ser que é sujeito, i.é: ‘ser que é real somente no movimento de se pôr a si mesmo’, ‘que é

mediação entre seu próprio tornar-se outro e si mesmo””. Portanto, posto que o sujeito é foco das atenções, todo conteúdo é também reflexão sobre si mesmo, e, refletir sobre a razão de ser é a razão do existir da Filosofia.

O pesquisador das ciências humanas, em especial o Filósofo, - que tem por método a dialética-, tem como fio condutor os fatos históricos dentro das instituições e os movimentos gerados pela práxis humana, captados nos movimentos dialéticos contrários, mas interdependentes que perfazem a história. Ao expor o seu entendimento da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, Trein dá alguns indícios para a sua leitura, como segue:

a filosofia é a ave de Minerva que alça o seu voo logo ao cair da tarde - ela só pode compreender o ser naquilo que ele é (como realidade já determinada). A filosofia não pode pretender exercer sobre o real qualquer forma de determinação (princípios, introdução). Nesse sentido é que a Fenomenologia do espírito, por exemplo, deve ser entendida como uma descrição das experiências (já) realizadas pela consciência. (TREIN, 2002, p. 136).

Na perspectiva de Hegel, a história das sociedades humanas, não sendo estática, faz com que cada indivíduo somente se afirme quando colocado em oposição ao outro, ou seja, o escravo prefere servir à morte, já o senhor arrisca a própria vida para reafirmar sua posição de livre. Entretanto, ao servir ao senhor, o escravo confronta-se, dialeticamente com a natureza, tomando consciência de si mesmo, ao ponto de dominar a natureza pelo trabalho. Portanto, através do trabalho e da técnica empregada no seu domínio, acontece uma transformação tanto no escravo, que se torna senhor da natureza, quanto no senhor que se torna escravo deste e desta última, segundo Hegel.

Mas o sentimento da potência absoluta em geral, e em particular o do serviço, é apenas a dissolução em si; e embora o temor do senhor seja, sem dúvida, o início da sabedoria, a consciência aí é para ela mesma, mas não é o ser-para-si; porém encontra-se a si mesma por meio do trabalho. (HEGEL, 1807, p. 132).

Ou seja, para Hegel, é pela mediação do trabalho que a consciência chega a si mesma, porque o trabalho é formativo da consciência que se torna independente como intuição de si mesma. Assim, o escravo, ainda que, pela ação humana não se torne livre, está em uma posição de liberdade (de consciência) melhor do que a do seu senhor, uma vez que este não podendo interferir na construção da consciência do outro, torna-se o verdadeiro escravo, ao que poderíamos chamar de Senhor-escravo.

Desta forma, o que se pode deduzir até este momento, é que para Hegel, o que distingue o homem da natureza é a sua consciência, uma vez que a sua existência é dupla,

porque é também animal, ou seja, é um organismo biológico, mas tem a capacidade de ser um ser consciente, tem um espírito ou uma mente¹ que pode contemplar e na contemplação instaurar a mediação entre si e si mesmo. Essa contemplação pode se dar na introspecção, ou na prática, pela ação do trabalho, que representa a tomada de consciência de si e de sua capacidade de transformar o mundo através da técnica.

A técnica é um conceito que em Álvaro Vieira Pinto, na obra *O Conceito de Tecnologia* vol. 1 (2005), leva ao desenvolvimento humano e o conceito de desenvolvimento indica um projeto de autoafirmação dos próprios sujeitos humanos historicamente constituídos. Afirmar essa que se dá pelo trabalho, ou seja, é a técnica que humaniza o ser humano em confronto (contradição dialética) com a natureza para a obtenção dos bens necessários à vida, transformando o dado bruto através da arte primeiramente, esta, vista não como cópia, mas como a manifestação sensível da verdade, pois as ideias que aparecem na mente são capazes de transformar o mundo exterior. Contudo, as ideias somente ocorrem a partir da ação. Ou se seja, a ação cria o pensamento que cria a ação que modifica o mundo e uma vez modificado o mundo, surgirão novas ideias que também proporcionarão novas mudanças em um fluxo contínuo de negação e afirmação sintéticas. O pensamento de Pinto é, portanto, oposto ao de Hegel, mas parte da dialética de Hegel a fim de negá-la. Não existe melhor exemplo do que este para ilustrar o que estamos afirmando: o próprio método dialético como caminho à consciência de si é negado, conservado e afirmado como síntese superior, mas não como ponto derradeiro de chegada ou fim do caminho, pois a dita *síntese superior* torna-se imediatamente nova tese a ser negada.

Em face disso tudo, a dialética, para Hegel, se dá na relação entre as duas consciências na busca da síntese. Na dialética do Senhor e do Escravo, as consciências de um de outro são interdependentes, ou seja, um depende do outro para ganhar sentido e assim, todo esse processo dialético, resulta na consciência tomando consciência de si, mas ainda é consciência para outrem (alienada) porque ambas as consciências ficam presas no interior de duas classes sociais opostas entre si, ou castas na terminologia de Hegdel. Porém, para Hegel, partimos de uma experiência sensível (tese), que é aquilo que somos na vida em sociedade ao outro estágio (antítese), que ele chamou de consciência infeliz, porque ao darmos sentido a tudo o que nos rodeia, corremos o risco de pensar que nada ao nosso redor tem sentido que é algo como o não-ser que a nós se opõe. Na luta contra o não-ser chega-se, por fim, à consciência *em-si-para-si* (síntese), ou *autoconsciência (Espírito Absoluto)*, que é quando temos

¹ A palavra da língua alemã Geist pode ser traduzida tanto por “Espírito” quanto por “Mente”, mas é praxe traduzi-la por espírito, por isso *Fenomenologia do Espírito*, pois é o que parece significar para Hegel.

consciência de nós mesmos e do mundo, mas do mundo como Teodiceia, de acordo com Hegel.

Considerações finais

Conforme o estudo realizado na obra *Fenomenologia do Espírito*, mais especificamente na seção IV, percebeu-se que, mesmo que Hegel não tenha escrito nada especificamente sobre a educação e sobre as pesquisas científicas, o método dialético é perfeitamente aplicável a ambas, uma vez que a dialética hegeliana vem para superar a ideia kantiana do conhecimento *a priori*, porque nas pesquisas científicas, trata-se de contrapor teses para se chegar a novas sínteses, ainda que provisórias, propiciando a superação das dicotomias pela confrontação das oposições em vez de se excluir a oposição como se faz na lógica formal desde Parmênides no século VI a. C. Se nos detivermos um pouco mais sobre a quarta lei da dialética hegeliana², veremos que há uma transformação da quantidade em qualidade. No primeiro momento encontramos uma série de pequenas transformações quantitativas cumulativas, até que, pela oposição de teses que são os argumentos ou as hipóteses, acontece a mudança qualitativamente mais apurada. Na dialética do senhor e do escravo, proposta por Hegel, “um ser é, ao mesmo tempo, ele próprio e seu contrário” (TELES, 1986, p. 78), visto que o senhor é a afirmação do ser e o escravo é a negação. Assim, a dialética consiste em abordar a questão a ser discutida na forma de tese e antítese, com o objetivo de se chegar à superação de ambas numa síntese que contemple as contradições não somente justapondo-as, mas recriando o que antes existia a fim de formar um novo argumento.

Da passagem do quantitativo ao qualitativo, que Hegel chamou de “progresso por saltos”, também ilustrado no pensamento de Kuhn (1994), podemos supor que a razão seja a síntese dialética da consciência e da autoconsciência, uma vez que a autoconsciência é a descoberta que acontece por meio do outro. Nas palavras de Teles (1986),

Quando um número significativo de pessoas começa a pensar do mesmo modo, esta ideia comum, em prol da coletividade, por exemplo, poderá criar uma ação qualitativamente diferente. Por força desta ação ocorre um comportamento totalmente diferente do anterior. Estas ideias, que se acumulam quantitativamente de acordo com a quantidade de pessoas que as possuem, só são capazes de dar um salto qualitativo quando atingirem um número crítico (TELES, 1986, p. 79-80).

² Transformação da quantidade em qualidade. Lei do progresso por saltos.

Muito embora a afirmação de Teles mereça uma ressalva no que diz respeito ao tipo de consciência em questão, a sua afirmação se articula afirmativamente com o pensamento hegeliano. A ressalva que se faz é a de que de uma quantidade imensa de pensamento ingênuo, por si só ninguém chegaria espontaneamente ao pensamento crítico, porque na continuidade do pensamento ingênuo não se estabelecem contradições necessárias à sua superação e, portanto, não poderia haver modificações qualitativas.

Neste ponto a pesquisa em Educação pode valer-se da dialética. Os processos pedagógicos têm a finalidade de confrontar ideais, posições, crenças, dogmas individuais e coletivos com os produtos teóricos e práticos das mais diversas ciências e das filosofias. É somente neste confronto que a quantidade da consciência ingênua pode alcançar pela sua negação, no confronto com o saber estabelecido historicamente, o patamar qualitativo do saber metodicamente articulado para a superação das dificuldades existenciais humanas.

Referências

AMARAL FILHO, Fausto dos Santos. **Os filósofos e a educação**. Chapecó: Argos, 2014.

BICUDO, M. A. V. Pesquisa qualitativa e pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica. In: Borba, Marcelo de Carvalho; Araújo, Jussara de Lóiola. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, v. 1, p. 99-112.

CARNEIRO, Ana Maria Cabral Gomes. Hegel e a Fenomenologia - Reflexões preliminares sobre mundo e sujeito. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, Ano 3º - Nº 5. Dezembro de 2006. ISSN – 1980-8372.

GRISSAULT, Katy. **50 autores de filosofia... e seus textos incontornáveis**/ Katy Grissault; tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1832. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses; com colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. - 5 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2002.

KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva. (1994).

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderlee. Leonardo de Deus; [supervisão e notas Marcelo Backes]. - [2.ed revista]. - São Paulo: Boitempo, 2010.

MENESES, Paulo. **Para ler a Fenomenologia do Espírito**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ALVES, Paulo C. (orgs.). **Saúde e Doença: um Olhar Antropológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SILVA, Jonas Matheus Sousa. **Thomas S. Kuhn e o devir da história científica**. Disponível em: <www.webartigos.com/artigos/thomas-s-kuhn-e-o-devir-da-historia.../78436>.

Publicado em outubro de 2011. Acesso em: 13 fev. 2017.

TELES, Antônio Xavier. **Introdução ao estudo de filosofia**. São Paulo. Editora Ática, 1986.

TREIN, Franklin. **Curso de filosofia:** para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação / Antônio Rezende (organizador). – 11 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. Hegel e a Dialética – Franklin Trein.